

ANÁLISE DE DISCURSO POLÍTICO E A POLÍTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO: o estranho espelho da Análise do Discurso

Francisco Paulo da SILVA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Vanice Maria Oliveira SARGENTINI

Universidade Federal de São Carlos

1. A Análise do Discurso e a prática política

A Análise do Discurso (A.D.) institui o discurso como objeto teórico pelo qual é possível explicar a relação da língua com a história, única forma, pela A.D. considerada, de explicar o funcionamento do sentido. Distanciando-se da tradição em lingüística que explicava o sentido recorrendo ao conceito de sistema e, portanto, na imanência das relações entre suas formas, ou de correntes que mesmo levando em conta uma exterioridade não consideraram as condições históricas de produção do discurso (sociolingüística), ou daquelas que tomaram a enunciação no sentido lógico (pragmática, atos de fala) ou de uma teoria que indo além da frase permaneceu nas relações internas (lingüística textual) (cf GREGOLIN, 2003); a análise do discurso vê uma exterioridade como elemento constitutivo dos sentidos. O discurso aparece, então, como objeto teórico no qual se pode ver a *relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer*.

Já nos seus primeiros textos, quando ainda os assinava sob a rubrica de Thomas Herbert¹, Pêcheux, discutindo sobre as ciências sociais e seus instrumentos, observa que suas técnicas estiveram sempre vinculadas à prática política. Desse modo traz para reflexão a relação das técnicas de investigação com a ideologia. Acontece que para ele, e essa afirmação será crucial para o desenvolvimento da teoria que irá propor - análise do discurso -, “o instrumento da prática política é o **discurso**, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo

¹ Michel Pêcheux escreve sob o pseudônimo de Thomas Hebert o artigo *Remarques pour une théorie générale des ideologies*. Trad. Orlandi [et al.] In; RUA, nº1, Campinas, 1995, pp. 63-68

discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”. (Henry, 1990, p.24)

Por essa afirmação, e considerando seus artigos seguintes, percebemos que a ligação entre a teoria e a política terá forte presença nos trabalhos de Pêcheux. Sobre as reflexões a respeito das ciências sociais, Paul Henry (1997) nos dirá que do ponto de vista do Pêcheux, as “ciências sociais” são essencialmente técnicas mantendo uma ligação crucial com a prática política e com as ideologias desenvolvidas a partir da prática política, cujo instrumento é o discurso. Com isso Pêcheux recusa a concepção de linguagem que a reduz à instrumento de comunicação. Essa teoria é para ele uma ideologia cuja função nas ciências humanas e sociais (onde a ideologia é dominante) é justamente mascarar sua ligação com a prática política, obscurecer esta ligação e, ao mesmo tempo, colocar estas ciências no prolongamento das ciências naturais. (a linguagem vista como instrumento de comunicação, conduz a conceber o homem e as sociedades humanas com base nos mesmos princípios da dos animais e das sociedades animais).

Se existe uma relação incontestável entre a teoria e a política, perceptível no discurso, o trabalho de Pêcheux, causando uma ruptura no campo ideológico das ciências sociais, irá propor o discurso e a análise do discurso como o lugar preciso onde é possível intervir teoricamente e praticamente, partindo da construção de um dispositivo experimental: a análise automática do discurso.

As reflexões iniciais de Pêcheux, assim como os seu escritos posteriores denunciam que ele foi um filósofo que esteve o tempo todo ao lado da teoria e da política. Fortemente influenciada pela leitura que seu fundador faz de Althusser, a análise do discurso incorpora o debate teórico estimulado pelos apontamentos althusserianos sobre a ideologia e os aparelhos ideológicos do estado, propondo-se a analisar a relação do lingüístico com o ideológico. O discurso se inscreve, então, como objeto de investigação, no materialismo histórico, uma vez que este “é assimilado a uma prática específica, exigida (determinada) pelas relações das forças sociais e sempre realizada através de um aparelho, o que marca uma perspectiva althusseriana no modo de definição do objeto. Conforme Maldider (1997), o conceito de condições de produção que contribuirá para análise da relação entre o lingüístico e o histórico designa, na leitura da autora, a concepção central do discurso determinado por um “exterior”, como se dizia, então para evocar tudo aquilo que,

fora da língua, faz com que um discurso seja o que ele é: o tecido histórico-social que o constitui. Observamos no desenvolvimento das formulações teóricas de Michel Pêcheux que ele desenvolve um esforço para constituir a análise do discurso como uma ciência prática no sentido de que ela pudesse se constituir numa ciência de intervenção. Assim a análise do discurso é tomada tanto como espaço de conhecimento, quanto como força de intervenção na história.

Disso resulta que a análise do discurso terá como interesse primeiro a análise do discurso político. Ocorreu que, em seu desenvolvimento, a prática de análise se encaminhou para recobrir as deficiências no campo político desses discursos em termos da intervenção na conjuntura político-social, tomando para si a tarefa de suplantar essas deficiências, assumindo uma postura de que ela oferecia um dispositivo que poderia fazer uma leitura melhor do discurso político. Caberia ao analista fazer ciência e fazer política, postura que instaurou, conforme palavra de Pêcheux, uma 'imbecilidade' no interior da prática do analista. É o que podemos perceber na leitura do texto "O estranho espelho da análise do discurso" no qual Pêcheux critica essa postura que invadiu a teoria do discurso.

2. Análise do discurso: ainda uma cidade construída no campo?

O estranho espelho da análise do discurso (L'étrange miroir de l'analyse de discours) foi escrito por Pêcheux (1981) para prefaciar a tese "*Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*, de Jean-Jacques COURTINE, publicada na Revista LANGAGES, nº 62, de junho de 1981.

O momento de escrita desse prefácio é marcado socio-historicamente, na França, pela eleição de um governo da coligação de esquerda - François Mitterant foi eleito presidente em 1981. Junto a isso há certo desconforto - e arriscaríamos dizer decepção - de integrantes do PCF (Partido Comunista Francês) que vivenciam a fratura da união das esquerdas. Pêcheux, nesse contexto, expressa, no prefácio, uma espécie de advertência aos analistas do discurso, que se encontram investidos em um estranho jogo de espelhos.

Considerando que para Pêcheux (1995, p.262), "uma palavra, uma expressão ou uma proposição não *têm um sentido* que lhe seria próprio, preso a sua literalidade", o prefácio oferece-nos um excelente exercício de interpretação. A

epígrafe² " *Estou convencido que se não se visse as pessoas mexerem os lábios, não se saberia quem fala em uma sociedade, da mesma forma pouco se saberia qual é o objeto real em um perfeito quarto de espelhos*"³, afina-se com a discussão sobre qual é o objeto 'real' de estudo para o propósito de análise. Em um perfeito quarto de espelhos, imaginando-o como aquele freqüentado por Alice, no País das Maravilhas, a ilusão e a distorção impedem o encontro com o real. Assim, a epígrafe, resgatada por Pêcheux, evoca os analistas que não se percebem no interior desse quarto, alertando-os de que "já é tempo de começar a quebrar os espelhos".

Para desenvolver tal discussão, Pêcheux (1981, p.5) reflete sobre o quadro de nascimento da Análise do Discurso que se instalou "neste espaço incerto no qual a língua e a história são tomadas simultaneamente". Mas o paradoxo do reconhecimento e da marginalidade da Análise do Discurso insiste em manter-se, mesmo porque, embora esforços para garantir seu espaço, a AD desenvolve-se "sob a pressão de duas determinações maiores: a evolução problemática das teorias lingüísticas de um lado, e os avatares do campo político-histórico de outro (...), dois estados de crise que se encontram no ponto crítico da análise do discurso" (PÊCHEUX, 1981, p. 5). Entretanto, sobrepujando esse estado de crise, a Análise do Discurso passa nos anos seguintes a 1981 por um processo de institucionalização, consagrando-se, então, como disciplina universitária, rótulo que, segundo Malidier (1990), não lhe traz garantias.

3. A Análise do Discurso pretende-se uma ciência régia?

Tomando a interpretação como trabalho característico da análise do discurso (Pêcheux questionará se a lingüística não seria também uma disciplina de interpretação), Pêcheux (1982, 1990, 1999) distingue dois tipos de universos discursivos como espaços de explicação dos fenômenos e de sua relação com o real: i) os espaços discursivos logicamente estabilizados; ii) os não logicamente estabilizados. No quadro de investigação dos discursos logicamente estabilizados, que caracterizam aquilo que Pêcheux chamará de "ciências régias", as ciências

² A citação é de Lichtenberg, Georg Christoph, escritor alemão (Ober Ramstadt 1742 - Göttingem 1799), um dos inovadores no domínio das pesquisas psicológicas do inconsciente (*Aforismos*, 1902 -1908), foi também um notável crítico de arte (*A explicação das gravuras de Hogart*, 1794 -1799) (cf Grande Enciclopédia Larousse Cultural)

seguem, os mesmos métodos da matemática ou das ciências da natureza; as técnicas utilizadas visam produzir transformações físicas e biológicas por oposição às técnicas de adivinhação ou interpretação. As técnicas dessas ciências têm de ver com o real:

trata-se de encontrar, com ou sem ajuda das ciências da natureza, os meios de obter um resultado que tire partido da forma a mais eficaz possível (isto é, levando em conta a esgotabilidade da natureza) dos processos naturais, para instrumentalizá-los, dirigi-los em direção ao efeito procurado. A estas técnicas vem juntar-se a multiplicidade das 'técnicas' de gestão social dos indivíduos. (PÊCHEUX, 1990, p.30):

Esses espaços discursivos repousam sobre uma proibição de interpretação, implicando, dirá Pêcheux, o uso regulado de proposições lógicas (verdadeiro ou falso), interrogações disjuntivas ("o estado de coisas" é A ou não A?), a recusa de certas marcas de distância do tipo "em certo sentido", "dizendo mais propriamente", etc.

Nos espaços logicamente estabilizados supõem-se que todo sujeito sabe do que se fala, já que o enunciado produzido nesse espaço reflete propriedades estruturais independente de sua enunciação: "(...) essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que este universo é tomado discursivamente nesses espaços)" (PÊCHEUX, 1990, p. 31).

Mas o que se coloca como problematização é que esses espaços discursivos não prevêm que há o deslizamento do sentido, que os sujeitos resistem às coerções de suas leis, que o real é objeto de múltiplas interpretações e que "esta cobertura lógica de regiões heterogêneas do real é um fenômeno bem mais maciço e sistemático para que possamos aí ver uma simples impostura construída na sua totalidade por algum Príncipe mistificador." (Pêcheux, 1990, p.32). É disso que tratará a análise dos discurso ao tomar como essencial os discursos não-logicamente estabilizados, o que trará uma série de conseqüências teóricas. Dentre elas, Pêcheux (1982) destaca o fato de que a condição essencial da produção e interpretação de uma seqüência não pode ser inscrita na esfera individual do sujeito psicológico (tematizado pelas ciências régias), mas reside no fato de que a existência de um

³ "Je suis convaincu que si on ne voyait pas les gens remuer les lèvres, on ne saurait pas Qui parle dans une société, aussi peu qu'on saurait quel est l'objet réel dans une parfaite chambre à miroir." G.C. Lichtenberg.

corpo sócio-histórico de traços discursivos constitui o espaço de memória da seqüência. Pêcheux está pensando no **interdiscurso** que, para ele, caracteriza esse corpo de traço como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma seqüência dada, na medida em que essa materialidade intervém na sua construção. O não-dito, dirá Pêcheux, da seqüência, não poderia, então, ser reconstruído na base de operações lógicas internas; ele remete a um já dito, a um dito alhures. Outro destaque diferencial entre os enunciados logicamente estabilizados e os não estabilizados logicamente é que seria impossível, na análise lingüística discursiva de uma seqüência, dissociar completamente as *instruções* que permitem a construção de sua significação e o processo de interpretação do sentido associado a essa seqüência. Há, ainda, o fato de que nos espaços discursivos não-estabilizados logicamente, a língua natural não poderá ser tomada como uma ferramenta lógica mais ou menos falível, mas o espaço privilegiado de inscrição de traços languageiros discursivos, que formam uma memória sócio- histórica. É esse corpo de traços que a AD toma como objeto, com o objetivo *técnico* da construção de corpus heterogêneos e estratificados, que estão em configuração permanente e co-extensiva à sua leitura.

Este procedimento de interpretação delineado pela AD, a partir dos enunciados não logicamente estabilizados, aparece como metodologia empregada por Courtine (1981) em seu trabalho. O objetivo é desconstruir a aparente homogeneidade dos discursos pressuposta pela idéia de uma formação discursiva homogênea (a dos comunistas) e postular a heterogeneidade da formação discursiva estudada, pelo fio do interdiscurso. Para flagrar a relação de alteridade que a constitui. A noção de enunciado dividido postula esse encontro em que a alteridade vem afetar o mesmo.

O colóquio *Materialidades Discursivas* ocorre em 1980 e marca um começo importante em torno das reflexões sobre a heterogeneidade. Nesse colóquio, segundo Maltidier (1990) a questão do discurso é enfaticamente colocada sob o signo da heterogeneidade. Impõe-se o primado do outro sobre o mesmo e aquilo que nos anos anteriores, havia sido buscado por meio da contradição marxista ou das falhas da interpelação ideológica, se inscreve fortemente no termo *heterogeneidade*.

No colóquio, Pêcheux aborda a leitura e faz de suas palavras uma autocrítica. Para Maltidier (1990), Pêcheux coloca em questão todo o dispositivo do discurso, com sua pretensão de desmanchar as evidências da leitura “subjetiva” e sua

“deliberação pela imbecilidade” (“fazer-se imbecil” isto é, decidir não saber nada daquilo que se lê...”). Tal discussão é retomada no prefácio “O estranho espelho da análise do discurso”, mais uma vez advertindo os analista de discurso a respeito de sua prática. Assim, a tese de Courtine serve de mote para a reflexão de Pêcheux sobre a postura teórico-política do analista do discurso, além de oferecer à área procedimentos para a análise da heterogeneidade das formações discursivas.

4. Análise do Discurso: uma prótese sofisticada?

A AD, tendo, "desde suas origens, uma tendência irresistível, na França, a tomar como objeto de estudo os 'discursos políticos' (de esquerda mais freqüentemente) a fim de investigar suas especificidades, alianças e demarcações" (PÊCHEUX, 1981, p.5), ela construiu, assim, a sua própria história assentada em um trabalho político e científico. Nesta concepção, cabe ao analista do discurso fazer ciência e fazer política. "A análise do discurso (político) aparece, assim, como tendo veiculado uma política (da análise de discurso), mantendo uma relação fundamentalmente ambígua com aquilo que Pêcheux se permite chamar *imbecilidade*"

Assim, ao analisar essa história da AD, Pêcheux mostra que houve sempre uma ambigüidade: (i) a da objetividade meticulosa, que supõe possível explicar o texto a partir de um dispositivo sofisticado, partindo do pressuposto de que a prática natural de leitura tenha defeitos que poderiam ser suplantados pelo método proposto; (ii) a da política partidária cientificamente sustentada. Há, portanto, essa suposição de que a AD é capaz de exorcizar um defeito, apresentar uma leitura 'melhor', já que baseada em sofisticados dispositivos de leitura. Tal ambigüidade produz um "jogo de espelhos, no qual as posições se refletem e se trocam infinitamente."

Essa impaciência (dupla no que toca à ciência e à política) só poderia encontrar o 'discurso comunista' como seu objeto privilegiado, com o risco de às vezes se encontrar preso nele ao ponto de refleti-lo e de reproduzi-lo: trataria-se, finalmente, de um caso de pesquisadores comunistas se entregando à análise do discurso por meio do discurso comunista, entendido como este espelho histórico excepcional, onde a ciência é obrigada a vir se condensar na política? (PÊCHEUX, 1981, p. 6)

Com essas palavras, Pêcheux faz referência ao fato de a Análise de Discurso privilegiar sempre o discurso político, sobretudo o discurso político de esquerda. Para suplantar este conflito de que pesquisadores comunistas, estudam o discurso político de esquerda, a teoria apoia-se na cientificidade. Este lugar que a AD se atribui oferece equivocadamente margem para que a teoria seja compreendida como uma prótese teórico-técnica sofisticada. Pêcheux propõe que se observe, nessa ambigüidade (que ele chama de imbecilidade), o "sintoma contraditório de uma dupla impaciência" - científica e política - que encontra no discurso político seu lugar ideal: "pesquisadores comunistas dedicando-se à análise do discurso comunista". Sair da imbecilidade é quebrar este espelho...

5. Da homogeneidade à heterogeneidade

Mesmo no interior de tal ambigüidade, os estudos na Análise do Discurso promovem avanços, uma vez que para Pêcheux "já não se caminha hoje sem uma interrogação política sobre a história das práticas comunistas, tais como elas se inscrevem na discursividade" (PÊCHEUX, 1981, p.6). É interessante neste prefácio o fato de Pêcheux questionar, não só teoricamente, mas também politicamente, a concepção homogeneizante da discursividade. Com base nas teses de Foucault, reconhece-se a heterogeneidade estrutural de toda formação discursiva, subjacente à suposta homogeneidade do corpus discursivo como proposto na AAD, 69. Politicamente, também, é preciso reconhecer a artificialidade da homogeneidade do discurso político, trata-se de uma homogeneidade estratégica mantida pelos órgãos oficiais de comunicação, por exemplo, o discurso da direção do Partido Comunista Francês, que para lidar com um discurso de união das esquerdas fraturadas, emprega estratégias de homogeneização do discurso.

No interior desse quadro é preciso destacar a tese de J.J.Courtine, cuja tarefa foi teoricamente e politicamente delicada, já que apresenta, no interior de uma artificial homogeneidade do discurso comunista, a existência de enunciados políticos que afrontam o estado de coisas existentes (noção de enunciado dividido, caracterizando o fato de que uma formação discursiva é constitutivamente freqüentada pelo seu outro) Essa contradição é constitutiva de toda formação discursiva: a alteridade sempre afeta o mesmo. No caso do *discurso comunista endereçado aos cristãos*, essa heterogeneidade é mascarada por certos procedimentos discursivos, como "o

uso ritualizado da interrogação” (Pêcheux, 1981, p.7). Aponta-se, então, teoricamente para a heterogeneidade existente no interior da formação discursiva, bem como politicamente para a heterogeneidade existente no interior do discurso comunista.

A figura do ventríloquo, a qual Pêcheux recorre, é um afrontamento ao Partido Comunista Francês, sugerindo que esse não tem interesse em reconhecer a heterogeneidade existente no interior do discurso comunista. Neste aspecto ressalta-se o trabalho de pesquisa de J.J. Courtine, cujas análises do discurso comunista endereçado aos cristãos apontam para "um autêntico diálogo de surdos entre duas organizações altamente estruturadas do ponto de vista estratégico" (Pêcheux, 1981, p.7)

Pêcheux, acentuando a crítica ao Partido Comunista Francês, e resgatando um termo althusseriano, compara a relação entre o discurso comunista e a vontade popular com a idéia religiosa da transubstanciação: da mesma maneira em que nesta o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo, naquela a vontade popular se transforma em poder da direção do Partido. Levar isso em conta, na análise de discurso, significa aceitar deixar de lado o privilégio concedido aos discursos de “porta-vozes legítimos” (impressos, oficiais, etc.) e se confrontar com “essa ‘memória sob a história’, que sulca o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos”, (PÊCHEUX, 1981, p.7) com as múltiplas formas orais⁴.

Pêcheux, então, concluirá, que analisar as heterogeneidades discursivas a partir de cacos e fragmentos permitirá recuperar as contradições que produzem a história; trabalho a ser feito "nas bordas discursivas da língua", a fim de perceber que “as ideologias dominadas nascem no mesmo lugar da dominação ideológica, sob a forma dessas múltiplas falhas e resistências que o estudo discursivo concreto pode fazer emergir” (PÊCHEUX, 1981, p.7). Para tanto é preciso buscar o efeito do interdiscurso no intradiscurso, o efeito do real histórico e o efeito do real sintático. Os analistas de discurso não podem ser cegos à história nem surdos à língua. Para Pêcheux (1981, p.7) "a Análise do Discurso, presa entre o real da língua e o real da história, não pode ceder nem sobre um nem sobre outro sem dar imediatamente na pior da complacência narcisística", por isso encerra com a seguinte advertência:

"Já é tempo de começar a quebrar os espelhos."

⁴ Pêcheux aproxima-se das concepções derivadas da Nova História ao considerar a relevância do estudo das 'migalhas e fragmentos', valorizando a descontinuidade.

6. Referências Bibliográficas

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar; SANTOS, João Bosco. *Teorias lingüísticas; problemáticas contemporâneas*. Uberlândia, EDUFU, 2003.

HENRY, P. Os fundamentos Teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise ; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et alii. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França.. In: ORLANDI, Eni. *Gestos de Leitura; da história no discurso*. 2 ed. Tradução de Mônica Zoopi Fontana e Maria Cristina Leandro Ferreira. Campinas, EDUNICAMP, 1997.

MALDIDIER, Denise. (Re) lire Michel Pêcheux aujourd'hui. In: *L'inquiétude du discours*. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, M (1975) *Les vérités de la Palice. Semântica e Discurso; uma crítica a afirmação do óbvio*. 2ª ed. Tradução de Eni Orlandi et alii. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'Analyse du Discours. In: *Langages*, Paris, nº 62, p. 5-8, juin. 1981.

PÊCHEUX, Michel. Lecture et Mémoire: Projet de Recherche. In: MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours*. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, Michel (1983) 'Rôle de la Mémoire". In: ACHARD, Pierre et alii. *O Papel da Memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel (1988) Discours: structure ou événement? In: O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi Campinas, Pontes, 1990.